

ENGENHOCA COM CHIP

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

As unhas sujas, a roupa meio rasgada, a havaiana gasta e as cicatrizes nas pernas denunciam a origem humilde de Juciel Viegas dos Santos, nove anos. Menino da zona rural de Brazlândia, filho de caseiros, ele sabe que a fazenda onde mora tem cinco hectares, reconhece frutas e hortaliças, monta a cavalo desde os três anos. Mas existem coisas que o seu computador central ainda não aprendeu a reconhecer.

Windows, PCs, teclado e mouse?! Nomes misteriosos para quem nunca atravessou os 40 quilômetros que separam Brazlândia do Plano Piloto, não tem idéia do que seja um shopping center e há pouco tempo experimentou gelatina pela primeira vez.

Há três meses, esse menino foi colocado frente a frente a um computador. Hoje, os programas e equipamentos do mundo da informática ainda permanecem no limbo para Juciel, mas ele já conseguiu achar utilidade naquela engenhoca que só tinha visto antes em filmes na televisão.

“É só bater que *ele* escreve”, simplifica Juciel. Ele, no caso, é o computador, equipamento descoberto pelos 680 alunos do Centro de Ensino Rodeador, na zona rural de Ceilândia, em abril desse ano, quando dez micros foram doados à escola pelo Ministério da Educação (MEC).

Desde então, alunos da pré-escola à 8ª série desenham nas telas dos computadores o que antes só podiam registrar nos cadernos, livros e no quadro negro. E transportam para a máquina o que idealizaram nas salas de aula. “Aqui, o computador é uma ferramenta didática que complementa o conteúdo dado em sala de aula”, explica a coordenadora do laboratório de informática, Fábica Cátia Pimentel Móreira.

LETRAS E DESENHO

Por exemplo: os alunos fazem uma excursão para conhecer as plantas nativas do cerrado, discutem os temas e partem para o laboratório de informática. Lá, pesquisam sobre as plantas e escrevem redações. Para os pequenos, que ainda estão aprendendo a ler, um programa interessante: eles escrevem a palavra, e se a grafia estiver correta, aparece o desenho correspondente ao vocábulo. Qualquer erro na escrita bloqueia o aparecimento da figura.

O jeito de aprender brincando empolga Juciel. “É mais fácil e mais legal escrever no computador”, diz. Com os dedinhos carimbados pelo trato com cavalo, Juciel vasculha o teclado do computador até conseguir formar as palavras e já manuseia com habilidade o *mouse*.

“As crianças estão muito mais interessadas. Só falar que vai ter aula no laboratório que é um in-

Fotos: Otávio de Souza



Filho de caseiros de uma chácara próxima à escola, Daniel Menezes, 12 anos, é um dos dez alunos de ensino especial do Rodeador. Gosta de formar palavras, como seu próprio nome

centivo, fazem tudo com muito mais carinho e vontade”, relata a assistente de direção da escola, Ana Paula Del Bosco.

A experiência pedagógica com os computadores foi tão bem sucedida que a escola foi escolhida pelo MEC para representar Brasília na Feira Nacional de Software (Fenasoft), que ocorreu em São Paulo, entre os dias 22 e 27 de julho. Fábica e Ana Paula expuseram os trabalhos que os alunos fizeram no computador: cartões de datas comemorativas, envelopes coloridos, cartazes, projetos, jornal e uma infinidade de atividades que os alunos desenvolveram nos computadores.

Andressa Maldotti, 15 anos, e Fabiana Akemi, 12, as duas da 7ª série, fazem parte do grupo que pensou e fez o jornalzinho da escola, chamado Folha Verde. “Nós prestamos atenção no que acontece nas redondezas do colégio, discutimos com os colegas e depois batemos as matérias no computador e damos o formato final”, explica Andressa, filha de agricultores — assim como Fabiana.

As duas comemoram o sucesso da primeira edição do jornal tama-

inho oficial, que virou o veículo de informação oficial de toda a região. O pai de um dos alunos publicou nos classificados do jornal que estava desempregado e acabou conseguindo um trabalho como caseiro. “A gente fica mais atenta e trabalha com mais entusiasmo quando usa o computador”, conta Fabiana.

Edinete Ferreira Paulino, 18 anos, também está animada com a experiência. Na 8ª série, ela nunca teria condições de ver na tela de um computador as poesias que gosta de escrever.

ROÇA E INFORMÁTICA

“Meus pais são pobres. Até os 12 anos, eu não sabia ler. Morava na roça, no interior do Ceará, até meu pai conseguir um emprego aqui. Nunca teria acesso a um computador se não fosse na escola. Foi um longo caminho para chegar até aqui. Agora espero um futuro melhor”, relata.

Para outras crianças, aprender o *bê-a-bá* da informática é ainda mais difícil. Sério, tímido e calado, Daniel de Aguiar Menezes, 12 anos, não consegue esconder a curiosidade. O

interesse está estampado nos olhos fixos na tela do computador e nos dedos que passeiam lentamente pelo teclado.

Daniel é um dos dez alunos de ensino especial do Rodeador — com deficiências mentais leves, auditivas ou físicas — que também têm acesso às aulas no laboratório de informática. “Eu não me lembro direito o que já fiz, mas acho muito legal mexer no computador, ir formando as palavras”, diz Daniel.

Assim como Juciel, Daniel é filho de caseiros em alguma chácara ou fazenda próximo à escola. Edinete também é de origem humilde. Já Fabiana e Andressa são filhas de agricultores, donos de suas próprias plantações. Mas todos eles são iguais no laboratório de informática. Na escola, o instrumento que normalmente é símbolo de distinção entre classes sociais é o elemento de maior integração entre os alunos.

“O acesso ao computador é igual pra todo mundo. Todos eles têm chances iguais de aprender, de usar um recurso que muitos não teriam oportunidade de ter longe da escola”, completa Fábica.

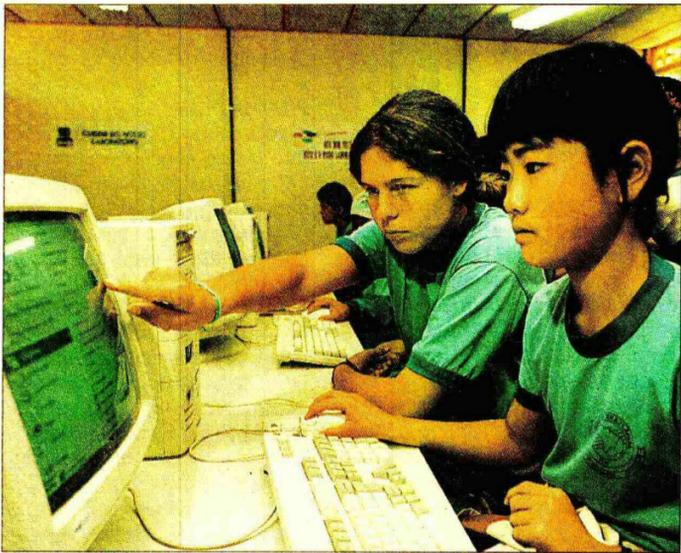
Poesia para a professora

O Centro de Ensino Rodeador, na área rural de Brazlândia, vai receber ainda neste ano outros dez microcomputadores. A escola foi selecionada pela Fundação Educacional do Distrito Federal dentro do projeto pedagógico de modernização do ensino público.

Para o aluno Diego Rodrigues de Oliveira, 10 anos, da 4ª série, os novos computadores significam uma oportunidade a mais de aprender. “Eu ainda sei mexer pouco porque nem sempre posso vir para o laboratório. Tem muita gente para usar. Mas já fiz até uma poesia para minha professora”, anima-se Diego, que mora na chácara do avô na zona rural de Brazlândia.

Outras 11 escolas públicas terão laboratórios modernizados na primeira etapa do projeto de informatização desenvolvido pela Secretaria de Educação, que também vai equipar mais nove escolas com laboratórios de informática.

Cada laboratório de informática terá dez microcomputadores de última geração com possibilidade de acesso à Internet, um servidor de rede e uma impressora a laser. Esse conjunto de equipamentos custará à Secretaria R\$ 40 mil cada um. Até o final do ano, a Secretaria de Educação quer informatizar mais 80 escolas de primeiro e segundo graus, por meio de parcerias com instituições privadas. (CG)



Andressa e Fabiana fizeram no computador o jornal da escola, o Folha Verde